

BOLETIM da



APUR COMBATE VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORAS: A LUTA POR MASCULINIDADES QUE NÃO VIOLAM MULHERES! POR UMA UFRB NÃO MACHISTA!



Crédito Assufrgs

O agressor de mulheres não é um doente na maioria das vezes, como se diz costumeiramente. Ele pode ser o pai da aluna. Pode ser o colega de trabalho. Pode ser o funcionário administrativo de farda ou o professor ao lado. Pode ser o estudante. Pode ser o marido, o tio ou o pai. Pode ser de esquerda ou de direita. Geralmente está bem próximo à vítima. Ele usa roupas limpas, pode ser graduado e muito simpático. Pode ter seu carro, sua moto, sua bicicleta para fazer trilhas aos domingos ou frequentar academia. Ele gosta de bajulação e admiração, muitas das vezes. Em menor número, ele é o estranho da rua ou um psicopata.

Esse tipo de masculinidade é construída por uma sociedade misógina – que diminui a mulher e despreza o que é feminino – racista, machista e homofóbica. O violador alimenta-se cotidianamente da impunidade, da certeza de que desconfiarão da vítima, da depreciação às mulheres que ocupam espaços que ele acredita ser dele; da ausência de políticas para mulheres. Alimenta-se também do controle dos corpos femininos, dos menores salários para mulheres, da exploração tripla do trabalho feminino e, das dificuldades que as mulheres encontram para garantir sua representação política em partidos, universidades, associações e sindicatos. Nutre-se das piadinhas, da inferiorização de sua própria companheira, da manutenção de um modelo de feminilidade e da severidade com os filhos.

A UFRB TAMBÉM O NUTRE quando, mesmo SABENDO DAS AGRESSÕES SOFRIDAS POR PROFESSORAS, não o pune. Dar alimento ao agressor é privilegiá-lo numa universidade que se diz para a diversidade, para xs negrxs e para os excluídxxs.

Já se somam casos de agressões a professoras dentro dos campis da UFRB, inclusive com porte de arma e não vimos ainda nenhuma providência. Também sabemos de professora assediada moralmente em seu local de trabalho e agredida por pai de aluna. Há ainda casos de violência contra mulheres estudantes que já foram denunciados e ainda não sabemos de políticas sérias e céleres para coibir estes atos. Todos esses casos foram denunciados em órgãos competentes da justiça comum, que já tem tomado medidas, mas a UFRB continua complacente com a violação de professoras e estudantes.

A APUR NÃO VAI ACEITAR A IMPUNIDADE COM VIOLADORES DE NOSSAS PROFESSORAS. NÃO QUEREMOS ENTRAR EM ESTATÍSTICAS!

Somos uma Universidade e, como instituição de educação, muitas discussões já foram realizadas e temos acúmulo de debates e informações para que não precisemos ficar reféns de morosidade quando se trata da vida de professoras, funcionárias e estudantes.

Somos 412 professoras e 419 professores conforme dados da Progep de maio de 2018. Isto exige que iniciemos nossa batalha contra as formas de violência às mulheres na nossa região, mas a UFRB precisa também agir em sua comunidade. A solução tem sido afastar as professoras ao invés de protegê-las, o que notoriamente, mesmo sendo uma medida protetiva, é resultado da ineficiência da medida punitiva pela agressão. Este quadro indica que a UFRB deve ter medidas e políticas dirigidas às mulheres da comunidade acadêmica, são elas que indicarão a possibilidade da construção de masculinidades não agressoras.

JUNTAS: “ERGUENDO-NOS ENQUANTO SUBIMOS” - LIFTING AS WE CLIMB- (Angela Davis)

Nossas professoras não pagarão com sua saúde e integridade, enquanto os agressores descansam. A partir de hoje APUR será ainda mais incisiva no enfrentamento à cultura machista, racista e misógina que também aqui tem vigorado. Enfrentar a cultura machista é educar, mas também punir os violadores, porque as leis e políticas são conquistas das mulheres.

CONVIDAMOS ÀS PROFESSORAS QUE QUEIRAM INTEGRAR UM COLETIVO DE MULHERES NA APUR QUE NOS ENVIE EMAIL PARA apurdiretoria@gmail.com. Fiquemos juntas!



Crédito Justiça de saia

NÚMEROS QUE ASSUSTAM



MULHERES NEGRAS TÊM
TRÊS VEZES
MAIS CHANCES DE SEREM
VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO
QUE MULHERES BRANCAS



Crédito Estúdio Anêmona

De acordo aos dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA) em agosto do ano passado, a Bahia registou mais de 23 mil casos de violência contra a mulheres, isso apenas no primeiro semestre de 2017. Desses 23 mil, 23 casos de feminicídio, 150 casos de homicídios dolosos, quando há intenção de matar. Ainda foram registrados 174 tentativas de homicídios, 242 estupros, 7.582 lesões corporais e 15.270 ameaças.

Em 2017, a Datafolha divulgou uma pesquisa que apontava que uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência no último ano. Os números ficam ainda mais alarmantes quando o assunto é agressão física, 503 mulheres são vítimas a cada hora. Os dados ainda mostravam que 22% das mulheres brasileiras foram vítimas de ofensas verbais em 2016, o que chega a um total de 12 milhões de mulheres. 10% das mulheres sofreram ameaça de violência física, 8% ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo.

Ainda de acordo à pesquisa da Datafolha, 1,4 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento, e 1% levou ao menos um tiro. Outro dado que choca é

que em 61% dos casos o agressor é um conhecido, sendo que em 19% das vezes é um companheiro, e em 16% ex-companheiros. A pesquisa ainda apontou que os casos mais graves de assédio ocorreram com adolescentes e jovens de 16 a 24 anos e entre mulheres negras. 42% das vítimas de comentários desrespeitosos eram mulheres negras.

Segundo o Relógios da Violência, do Instituto Maria da Penha, a cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física. O Mapa da Violência de 2015 divulgou que o assassinato de mulheres negras aumentou 54%. A Central de Atendimento a Mulher – Ligue 180, em 2015, realizou 749.024 atendimentos, ou seja, 1 acontecimento a cada 42 segundos.

Violência contra mulheres no meio universitário

A violência contra mulheres no meio universitário também traz números assustadores, basta dar uma olhada no resultado da CPI realizada na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) para confirmar. Segundo consta, a USP pode ter sido palco de 112 estupros nos últimos 10 anos. A pesquisa Violência contra a mulher no ambiente universitário, realizada pelo Instituto Data Popular, apontou que:

1,2 milhão já sofreram violência sexual;
2,4 milhões já sofreram assédio sexual;
2,3 milhões já sofreram agressão moral ou psicológica;
2,1 milhões já sofreram desqualificação intelectual;
830 mil já sofreram coerção;
437 mil já sofreram violência física;
42% das universitárias sentem medo de sofrer violência no ambiente universitário;
56% das estudantes de universidades já sofreram algum tipo de violência;
38% dos alunos homens admitem ter praticado algum tipo de violência contra as mulheres.



Crédito Humor Político

